



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**XI CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

**ALUNO – FAMÍLIA – ESCOLA:
PARCERIA QUE FAZ A DIFERENÇA NA
VIDA DO ESTUDANTE**

Apresentado por: Analídia Lopes dos Santos

Orientado por: Profa. Ms. Patrícia Tuxi

BRASÍLIA, 2015

**ALUNO – FAMÍLIA – ESCOLA:
PARCERIA QUE FAZ A DIFERENÇA NA
VIDA DO ESTUDANTE**

Apresentado por: Analídia Lopes dos Santos

Orientado por: Profa. Ms. Patrícia Tuxi

Resumo

Este trabalho visa investigar o quanto a parceria entre família e escola é relevante para o desenvolvimento do estudante, não só na vida escolar, mas também em seu convívio social. Tal parceria foi apresentada como indispensável para que o educando desenvolva autonomia e peculiaridades que o auxiliem na transposição de possíveis dificuldades que, certamente, surgem no caminho da construção do conhecimento e, por consequência, no combate ao fracasso escolar. Como conclusão, afirmou-se que a parceria supracitada, juntamente com a intervenção psicopedagogia – atuando como agente articulador e propiciando uma maior intimidade entre família e escola – otimiza – sobremaneira – a evolução do aprendiz.

Palavras – chave: parceria, família, escola, estudante, psicopedagogia

ÍNDICE

I/ Introdução.....	05
II/ Fundamentação Teórica	07
III/ Método de Intervenção.....	12
3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição.....	12
3.2/ Procedimento(s) Adotado(s) (descrição geral).	
IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção.....	13
4.1/ Avaliação Psicopedagógica	
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (22/04/2015)</u>	13
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (29/04/2015)</u>	15
- <u>Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (06/05/2015)</u>	16
.	
4.2/ As Sessões de Intervenção.	17
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 1 (17/06/2015)</u>	17
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (22/06/2015)</u>	19
- <u>Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (29/06/2015)</u>	20
V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica.....	22
VI/ Consideração finais.....	24
VII/ Referências Bibliográficas.	27

I/ Introdução

O presente trabalho pretende discorrer sobre a tríade: aluno – família – escola no que se refere ao fracasso escolar e, ainda as contribuições que a área da psicopedagogia pode trazer diante desse cenário avassalador que, a cada dia que passa, atinge mais aprendizes e, por conseguinte suas famílias.

É relevante considerar a questão do fracasso escolar como algo muito maior que apenas uma questão de inteira responsabilidade do estudante. O campo pedagógico que permeia esse assunto é bem mais abrangente e envolve todos os atores no processo de ensino aprendizagem.

De acordo com Paulo Freire: “A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada” (1999, p.30), sendo assim, a partir do momento em que considera-se que a sala de aula é um espaço heterogêneo – onde essas mudanças emergem de forma latente – e que cada aluno é portador de habilidades e conhecimentos bem peculiares, se faz necessária a busca – incessante – de uma prática que contemple os saberes inerentes a cada um deles.

Nessa busca por estratégias que contemplem a maior parte do alunado, surge também a dificuldade que os profissionais da educação sentem em trabalhar tal diversidade pessoal que a atualidade produz em cada estudante – sendo assim, deve-se buscar alternativas que viabilizem o desenvolvimento efetivo do educando de modo a minimizar os casos de fracasso escolar.

Infelizmente a pressão da sociedade que exige uma ascensão social, predominantemente resultante do sucesso escolar, faz com que o fracasso na escola seja encarado como um fracasso de vida que vem se tornando – cada vez mais – um clássico na realidade educacional brasileira. Calvino (1993, p.45) diz que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha pra dizer e que por isso persiste”.

Sendo assim, a escola que, em princípio, pretende ser um espaço de oportunidades – mostra-se o seio da desigualdade daqueles que não se “enquadram” nos moldes por ela idealizados.

Diante de todo esse cenário têm-se a família como peça importante no auxílio daquele estudante que, de alguma forma, não tem obtido sucesso em sua trajetória escolar.

A família é peça fundamental no desenvolvimento emocional da criança. Winnicott (1980, p.57) defende que o desenvolvimento do primeiro ano de vida determinará a base da saúde mental do indivíduo. Ele afirma que a criança já nasce com potencial para o crescimento, mas para que isso aconteça é preciso que suas necessidades básicas sejam atendidas, sendo assim a família é, certamente, o seio ideal para que o start desse crescimento aconteça.

Frente a esse dilema vem a psicopedagogia que pode auxiliar buscando ferramentas/ alternativas que ajudem – aluno – família – escola – a lidar com tal situação já que, como dito anteriormente, essa questão atinge todos os envolvidos no processo educacional.

II/ Fundamentação Teórica

Fracasso Escolar

Muitas pessoas se questionam sobre o fracasso escolar afirmando ainda que em épocas anteriores não se via essa questão tão latente quanto nos dias atuais. Segundo Bossa (2002, p.32) “O fracasso escolar só surgiu a partir da escolaridade obrigatória a partir do século XIX, em função das mudanças econômicas e estruturais da sociedade”. O fato é que o fracasso escolar existe desde a instauração das escolas – onde os trabalhos eram pautados num estereótipo de estudante.

Infelizmente, até hoje ainda trabalha-se com a ideia de um aluno ideal e ao longo da história essa “padronização” estudantil foi intensificando cada vez mais a questão do fracasso escolar, visto que aqueles que não atendem às expectativas traçadas pelo modelo educacional são colocados à margem e preteridos de seu direito à aprender. Esse padrão social e educacional estabelecido causa marcas profundas naqueles que não alcançam sucesso na vida escolar, tendo em vista que a marginalização ultrapassa os muros da escola e passa a ser algo social. É na escola e nesse contexto que o sujeito é monitorado, disciplinado, preparado, e consequentemente demonstrará suas necessidades, suas angustias e decepções, a partir de um sistema contextualizado em uma época em que o dinheiro e o reconhecimento social são elementos fundamentais para ser reconhecido, respeitado e visto. (Cordié; 1996, p.17)

Assim, é frequente atribuir a responsabilização do fracasso escolar ao estudante, no entanto a questão é bem mais ampla e complexa. O fracasso escolar nada mais é que o “grito” do estudante que não consegue, sozinho, adequar-se às exigências escolares. Se tal cenário perdura, certamente, é porque os outros elementos partícipes da construção do conhecimento

estão negligenciando o direito, que esse aprendiz tem, à essa construção. Weiss (2007, p.25) registra que “há todo um universo ao redor que implica em estar atento também a outras perspectivas que possibilitem este estudo, sendo elas a escola, a sociedade e também o aluno”.

É importante lembrar que o fracasso escolar acontece independentemente de classe social, sexo ou outro aspecto, nesse sentido – para que não haja isenção da responsabilidade da instituição escolar e/ou familiar - é importantíssimo policiar-se para não considerar a condição social como a única causadora do fracasso do aprendiz. Scoz(1994, p.53) registra que “a pobreza dos alunos aparece como forte determinante dos problemas de aprendizagem”.

Nesse ínterim a família passa a ter papel fundamental para que esse educando – que não tem conseguido alcançar as demandas da escola e, conseqüentemente, da sociedade – aprenda a lidar com o fracasso e busque mecanismos que o auxiliem na superação das possíveis dificuldades que possam surgir ao longo de sua vida, sobretudo da vida escolar. A teoria de Wallon afirma que são as pluralidades das emoções que possibilitam a interação da criança com o meio social. E, nesse sentido, o primeiro meio com o qual interage a criança, não é o meio físico dos objetos, mas o meio das pessoas. (Wallon, 1975, p.40).

As peculiaridades do aluno, escola e família podem servir de start para que dificuldades potenciais aconteçam. A partir daí, acredita-se que o ambiente familiar estável e afetivo contribui positivamente para o bom desempenho da criança no processo de aprendizagem, embora não garanta o seu sucesso, uma vez que este depende de outros fatores que não exclusivamente os familiares (Portela, 2006, p.72)

Família e escola

Segundo Gokhale (1980, p.64) afirma que “A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também centro da vida social”.

A discussão sobre o real papel da família na educação escolar do indivíduo já é antiga. A família é o primeiro contato que o criança tem com a sociedade, é da família que o indivíduo retira suas referências iniciais para a vida social. Fernandez (1990, p.21) afirma que as relações de vínculo na família podem ser favoráveis ou não à aprendizagem, dependendo de como os membros da família lidam com o conhecimento e de como as informações são transmitidas. Sendo assim, pode-se inferir que, se a família não valoriza o conhecimento, certamente, a criança não sentirá motivação para perseverar e ir em busca de novas descobertas.

Segundo Kupfer (1989, p.46) Sabe-se que a educação não formal constitui-se num dos pilares essenciais da construção do eu. O desenrolar desta implicará num desenvolvimento harmônico ou não do indivíduo. Dessa forma, pode-se afirmar que crianças que são assistidas pela família – provavelmente – alcançarão sucesso na vida escolar, mesmo em caso de transtornos e/ou dificuldade de aprendizagem. O próprio SAEB/99 (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) concluiu que nas escolas onde existe a parceria com toda a comunidade escolar as crianças aprendem melhor.

Ratificando a ideia de Ackerman (1986, p.58) a hereditariedade impõe limites ao desenvolvimento de uma criança, mas a influência do ambiente é que vai moldar os potenciais dessa personalidade. Dessa maneira, cabe salientar que não é conveniente tecer

uma visão determinista acerca do desenvolvimento do indivíduo. Um ambiente favorável pode transpor as maiores dificuldades – até mesmo as genéticas.

De acordo com Outeiral e Cerezer (2003, p.26) “a tarefa de ensinar, na atual sociedade, não está concentrada apenas nas mãos dos professores”. O aluno não aprende somente na escola, mas também com a família, com os amigos, com os meios de comunicação, entre outros. A escola é o espaço responsável pela educação sistematizada das crianças, jovens e, até mesmo, adultos.

Sendo assim, é possível perceber que a parceria entre família e escola é importante para o efetivo sucesso do educando. Tal parceria deve ser cultivada e preservada, no entanto, em alguns momentos, é possível sentir um certo distanciamento entre esses dois atores tão importantes no processo de aprendizagem.

Paro (2000, por Caetano, 2003, p.68) afirma que: Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação.

É importantíssimo que se estabeleça uma relação positiva entre família e escola, já que, mesmo com todo o avanço social, não cabe à escola substituir a família e vice-versa. Tal parceria não deve ser pautada na rivalidade, haja visto que ambas instituições podem contribuir de maneira positiva no processo de desenvolvimento do educando. Deve ser uma relação mútua onde não há hegemonia de nenhuma das partes. Perrenoud (2000, p.30) é enfático quando afirma que “ambas têm uma tarefa única: educar para a vida. O que já não é pouco”.

“A convivência é um aprendizado que só se adquire dentro da família e dentro da escola, que são, como costuma se dizer, os pequenos balões de ensaio onde experimentamos a vida antes de cair na real.” Lopez (2000, p.36).

Psicopedagogia: buscando possíveis alternativas

A psicopedagogia trabalha com várias áreas da ciência, (psicologia, neuropsicologia, pedagogia, entre outras) isso faz com que a investigação seja menos sofrível – já que considera-se a pluralidade/complexidade do indivíduo para que se chegue a alguma conclusão. Essa visão plural do psicopedagogo permite um olhar mais livre sem muitos rótulos ou paradigmas a serem obedecidos.

Uma vez que a escola já não é mais o espaço privilegiado onde se adquire apenas conhecimentos acadêmicos, fica claro que sua missão mudou, assim como mudaram a sociedade e a família. É dentro desse turbilhão de mudanças que surge a psicopedagogia com a missão de auxiliar no entendimento do estudante produto dessas mudanças.

Bossa (2007, p.68) discorre que o “objeto de estudo da psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico”. A prevenção vê o educando como um ser humano em desenvolvimento que possui inúmeras potencialidades. O psicopedagogo foca no aprender de maneira plural, em sentido amplo.

Desse modo, esse profissional funciona como um agente neutro que circula por todos os espaços dessa relação de aprendizagem e desenvolvimento – aluno – família – escola. Mostrando, de forma mais sistemática, os avanços do aprendiz, as etapas do

desenvolvimento, condições da dificuldade de aprendizagem e outros aspectos que podem alavancar o avanço do educando.

O olhar terapêutico trabalha com a identificação, análise, diagnóstico, tratamento da dificuldade de aprendizagem. Cabe ao psicopedagogo a missão de diferenciar o fracasso escolar do problema de aprendizagem que é patológico. É bem verdade que o problema de aprendizagem resulta em fracasso escolar, entretanto o contrário não é verdadeiro. Nem todo fracasso escolar é resultante de um problema de aprendizagem. Essa distinção tem que ser clara para que o aprendiz não seja prejudicado.

Método de Intervenção

O presente trabalho foi desenvolvido com um aluno de treze anos, diagnosticado TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção/ Hiperatividade) estudante do quarto ano do ensino fundamental I, de uma escola pública do Distrito Federal.

O referido estudante é alfabetizado, porém apresenta várias dificuldades na aquisição/ apropriação dos conteúdos trabalhados, sobretudo leitura e escrita, desde que ingressou na vida escolar. Por conta disso apresenta distorção idade-série e repetência durante vários anos. Além disso, sempre apresentou dificuldade de relacionamento, pois sua agitação fazia com que as crianças se afastassem dele, não só na escola, bem como em ambientes extra escolares.

É criado pelos avós maternos desde os três anos (quando houve a separação dos pais). Tem pouco contato com o pai e, em 2014 passou a ver a mãe nos finais de semana, pois até esse ano ela morava no Maranhão e Carlos tinha pouco ou nenhum contato com a mãe.

A avó sempre comparece à escola quando solicitada, no entanto, por conta da idade avançada e pouca instrução não consegue dar o suporte adequado para o referido estudante.

Durante as intervenções utilizou-se várias estratégias: desenho, mapa mental, conversas informais, jogos e brincadeiras.

A Intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção

Avaliação Psicopedagógica

- Sessão de avaliação psicopedagógica 1 – 22/04/2015

Com o objetivo de conhecer melhor a relação entre a criança e a família fez-se uma entrevista estruturada com a avó de Carlos (nome fictício). Para tanto utilizou-se um gravador para registrar toda a conversa com a senhora Antônia (nome fictício) vó materna de Carlos.

No decorrer da entrevista, várias informações importantes – sobre a vida de Carlos - foram evidenciadas.

Carlos foi uma criança desejada, no entanto necessitou de cuidados especiais, haja visto que chorava muito quando era bebê e nenhum médico descobriu a causa do choro intenso.

Segundo sua avó, o pai sempre teve um comportamento muito grosseiro em relação a toda família, comportamento esse que levou a separação do casal, quando Carlos tinha três anos – a partir de então passou a morar com a avó materna.

Desde que ingressou na vida escolar, Carlos apresentou muitos problemas não só em relação a aquisição dos conteúdos, mas também em aspectos sociais – sempre sendo motivo de reclamações por parte dos professores e colegas.

Em casa não era diferente, a Sra. Antônio informou que ele sempre foi uma criança demasiadamente agitada e ansiosa, mordendo e quebrando vários objetos em casa – relatou inclusive que por várias vezes ele era repreendido por arranhar o carro do avô com pregos e parafusos sem nenhum motivo aparente.

Segundo ela, o pai sempre foi ausente na vida – tanto de Carlos quanto de Aline (nome fictício atribuído à sua irmã), apresentando pouca ou nenhuma participação na vida deles. A mãe, apesar ter morado por muito tempo no Maranhão, hoje mora em uma cidade no entorno de Brasília – não muito distante, tenta (atualmente) estar por perto auxiliando na medida do possível, mas quem o cria, de fato, são os avós maternos.

Quando questionada sobre a rotina escolar de Carlos, a avó respondeu que ele “se vira” com as tarefas e que ela está muito velha, não tendo condições de ajuda-lo. Disse que reconhece suas dificuldades, mas que, para ela, se ele terminar o ensino fundamental II já está ótimo.

Argumentou-se que ele precisa de um auxílio quanto aos materiais e tarefas a serem realizadas, não só em relação aos conteúdos propriamente ditos mas na organização de datas e horários. Mas a avó continuou afirmando que não poderia ajudá-lo, que quem o auxiliava nesse aspecto era sua irmã Aline, quando ele solicitava alguma ajuda.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 2 – 29/04/2015

Também com a intenção de entender melhor a relação entre Carlos e a família – mas agora a visão por parte da criança – realizou-se uma conversa informal para que ele se sentisse à vontade em expressar suas mais sinceras opiniões. Para essa avaliação fez-se uso de um gravador.

Nesse momento Carlos apresentou uma postura, demasiadamente, passiva e inocente em relação ao abandono por parte do pai e a convivência distante da mãe.

Carlos mora com a avó materna, avô materno, irmã e tio (modo com o qual trata um filho adotivo de sua avó) desde a separação dos pais. A mãe morou muito tempo no Maranhão e só em 2014 voltou, atualmente, morando no entorno de Brasília, próximo ao local onde Carlos reside com os avós.

Quando questionado sobre a importância da família em sua vida, apresentou respostas evasivas e rasas, como: - É boa... quando questionado por que sua família é boa ele permaneceu em silêncio, parecendo não saber explicar essa importância.

Todas as vezes que questionou-se sobre a maior importância de algum membro da família, ele se referiu a Sra. Antônio. Mas, se refere a irmã – Aline – quando questionado sobre quem o auxilia nas tarefas de casa. Quando pergunta-se sobre a mãe, apresenta maior entusiasmo afirmando gostar de ir para a casa dela, momento em que costumam sair, assistir TV e onde ele pode brincar no computador e no celular. Quando perguntou-se a respeito do pai, só afirma que ele é bravo.

Disse que gosta da escola – sobretudo na hora do recreio – mas não quando a diretora briga com ele quando ele “apronta”. Não gosta de português pois, segundo ele, tem dificuldade na leitura e escrita. No entanto, gosta de matemática.

De acordo com o relato de Carlos foi possível verificar que não há um acompanhamento sistemático de sua família em relação a sua rotina de estudo, segundo ele quando chega da escola faz as tarefas e quando não entende ou não quer fazer deixa de lado, mas quando ele quer fazer e tem alguma dificuldade pede ajuda a sua irmã.

Afirmou também que reconhece a importância da escola em sua vida e que quer ser policial quando crescer.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 3 – 06/05/2015

Com a intenção de ratificar as impressões obtidas na avaliação anterior, propôs-se uma análise – por meio de desenhos e esquemas – que evidenciassem, de forma mais clara, a importância da família na vida de Carlos.

Nessa etapa da avaliação Carlos também demonstrou pouca intensidade em suas respostas com declarações evasivas, incoerente e muito simplórias.

No entanto pôde-se constatar e ratificar alguns aspectos importantes como: a referência feminina mais importante para ele é a avó Antônia. Para ele sua família são aqueles que moram com ele, pois quando foi solicitado que desenhasse sua família Carlos não desenhou seus pais e nem fez referência a eles em outros momentos.

Quando questionado sobre sentimentos relacionados a sua família fez declarações superficiais, parecendo não compreender os questionamentos ou querendo manipular as respostas.

As sessões de intervenção

- Sessão de intervenção psicopedagógica 1 – 17/06/2015

Nos momentos compartilhados com Carlos, verificou-se que a irmã (Aline) é o segundo elemento central de sua vida – já que é ela quem o auxilia quando ele tem alguma dúvida nas tarefas escolares.

Com base nisso, fez-se uma entrevista presencial com ela, de modo a compreender melhor como essa relação repercute na vida escolar de Carlos e promover maior conhecimento e interação por parte da irmã e de Carlos.

Nesse momento verificou-se que a relação dos dois é harmoniosa, e apesar de – o momento da realização da tarefa – ser um momento em que eles brigam muito, ela se sente na “obrigação” de ajudá-lo já que os avós não têm instrução nem paciência para auxiliá-lo nesse aspecto e porque, segundo ela, ele não aceita ajuda de outra pessoa.

Quando perguntou-se a respeito da agenda escolar Aline afirmou que tanto ela quanto a avó só olham quando ele mostra, e quando isso acontece elas percebem que há uma série de recados da professora – de atividades não realizadas, de materiais errados, de excesso de conversa e brincadeiras em sala, entre outras coisas.

Perguntou-se qual a postura da família quanto a tomada de conhecimento desses recados, ela afirmou que briga com Carlos e quando o pai “aparece” e fica sabendo bate nele.

Dessa maneira confirmou-se um aspecto observado anteriormente – que o acompanhamento da rotina escolar de Carlos é bem solta, tendo em vista que a irmã confirmou que o ajuda somente quando ele solicita auxílio.

Solicitou-se que ela elencasse cinco qualidades de Carlos e ela – apesar de demorar bastante – mencionou que ele é agitado, impulsivo, carinhoso, “briguento”, teimoso e desobediente. Segundo ela a característica que mais o atrapalha é o fato de ele ser muito agitado. Ela acredita que ele será bem sucedido na área de informática, pois ele gosta muito de brincar no computador e tem muita facilidade em manusear aparelhos eletrônicos como celular e vídeo game.

Apesar de já estar com treze anos, Carlos não tem nenhuma atribuição quanto as tarefas domésticas, por que ele “quebra as coisas”.

Já nas férias, quando viajam, ele se diverte bastante brinca, tira leite da vaca, anda à cavalo, entre outras coisas. Quando não viajam ele brinca na rua e/ou no celular.

Em casa ele é muito agitado, não se concentra em nenhuma tarefa, de acordo com a irmã só pára quando está brincando no celular ou conversando no Watszapp. Questionou-se se a família faz algum acompanhamento em relação às pessoas com quem ele conversa no Watszapp, ela respondeu que não.

Sugriu-se que a família, em especial a Aline, fizesse um esforço – durante a próxima semana – em acompanhá-lo mais de perto auxiliando-o e acompanhando, de forma mais sistêmica, sua rotina escolar e doméstica, de modo que ele não se perca na organização dos

materiais escolares e datas das tarefas. Sugeriu –se também que fosse atribuído a ele uma tarefa doméstica que podia ser simples mas que fosse algo da responsabilidade dele.

Assim, espera-se que ele internalize que ele é um membro importante da família e que suas contribuições fazem dele e de seus pares pessoas melhores. Além disso auxilia, sobremaneira, no desenvolvimento da independência e autonomia de Carlos.

Ao termino desse momento pôde-se constatar que, apesar de ter boa vontade, a família peca em alguns aspectos que são importantes na evolução e autonomia de Carlos.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 2 – 22/06/2015

Com a intenção de estreitar os laços entre Carlos e sua família, propôs-se que – em cada dia dessa semana – sua professora lhe entregasse uma tarefa de casa que teria que ser realizada com sua família. No dia seguinte ele entregara a atividade do dia anterior e pegava a próxima a ser realizada.

Na primeira atividade – entregue em 22/06/2015, Carlos recebeu uma tabela (numa folha branca) em que ele tinha que fazer uma entrevista com cada membro de sua família para de descobrir que tipo de comida eles mais gostavam e que tipo de comida eles menos apreciavam, inclusive ele tinha que responder a entrevista.

No dia seguinte (dia 23/06/2015) ele trouxe a tabela preenchida e, pode assim, levar a segunda atividade em que sua avó teria que lhe ensinar uma canção que ela gostava quando era jovem. Ele tinha que aprender a música pois na próxima aula teria que cantar a música para sua professora e, se quisesse, podia até ensinar para a turma.

No dia 24/06/2015 ele chegou com a tarefa cumprida e cantou a música “Beijinho doce” que, segundo a avó, ela ouvia e cantava quando se apaixonou pelo seu avô.

Dessa maneira Carlos se mostrou apto a levar a outra tarefa indicada pela professora. Nessa etapa da intervenção ele tinha que – por meio de uma tabela – entrevistar cada membro da família afim de descobrir quais personagens bíblicos eles mais gostavam, quais eles menos gostavam e o porquê dessas preferências.

No outro dia (25/06/2015) ele – bem entusiasmado – mostrou e explicou toda a tabela para a professora logo no início da aula, pois estava tão excitado que não conseguiu esperar o final da aula (momento em que, normalmente, a professora perguntava pela tarefa dada).

Na última tarefa Carlos tinha que conversar com seu avô e aprender uma brincadeira que ele brincava quando era criança.

Em 26/06/2015 Carlos realizou a última tarefa com perfeição e ficou tão feliz por ter realizado todas as atividades solicitadas durante a semana que não só explicou a brincadeira como pediu permissão à professora para ensinar e brincar com toda a turma.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 3 – 29/06/2015

Na intenção de verificar se os objetivos previstos nas intervenções anteriores estavam sendo alcançados. Marcou-se uma conversa com a professora de Carlos.

Nesse momento a professora, muito entusiasmada, informou que, nas últimas semanas, Carlos esteve bem mais colaborativo e interessado, disposto a participar das atividades propostas em sala de aula e mostrando-se bem mais autoconfiante. Não esqueceu materiais ou tarefas e permaneceu bem mais calmo que de costume.

E, o mais importante, segundo ela, durante esses dias não houveram reclamações por parte dos colegas em relação às brincadeiras de Carlos. Algo que era muito comum até então.

Discussão Geral dos resultados da intervenção psicopedagógica

Foi possível verificar, nas sessões de intervenção aplicadas, que Carlos precisava e precisa de uma participação mais atuante por parte da família em sua vida. A construção de uma rotina sistêmica – com suas tarefas, horários escolares e familiares o auxiliou, sobremaneira, na organização pessoal e social de seus afazeres. Além disso, ajudou na melhora da auto estima, haja visto que com tais atribuições ele passou a se sentir importante membro da família com tarefas – responsabilidades – que cabiam a ele cumprir.

Uma criança com TDAH precisa do apoio da mesma maneira que uma pessoa com o pé quebrado necessita de muleta. A muleta não é permanente. No entanto, para se sentir confortável na continuação da rotina, é preciso que o pé quebrado e a muleta trabalhem juntos para minimizar o desconforto. À medida que a criança com TDAH amadurece, precisa menos do apoio dos pais e mais da sua experiência e de seus recursos. Crianças portadoras de TDAH anseiam por soluções de um maneira saudável, principalmente quando se veem como a fonte do problema (Kicarr, 2006, p.45).

A programação semanal, aplicada com a ajuda da professora, também trouxe resultados significativos, pois propiciou a Carlos uma maior aproximação e conhecimento em relação a seus familiares. Além disso, mostrou que ele é capaz de realizar tarefas importantes e descobrir coisas novas.

As atividades desenvolvidas foram extremamente importantes para a mudança de comportamento relatada pela professora.

Tal atividade propiciou uma maior aproximação entre a escola – na pessoa da professora – e a família, haja visto que as tarefas, depois de executadas em família, deveriam ser compartilhadas com a professora que, por sua vez, pôde melhorar sua prática já que – a partir dos resultados – passou a conhecer melhor o referido aluno.

Caetano (2003, p.58), afirma que:

A escola, portanto, também necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sociocultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho, aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras.

Assim, Carlos passou a acreditar mais nele e – mesmo que, talvez, inconscientemente – passou a se interessar pelas aulas, conseguindo concentrar-se e alcançar resultados significativos não só cognitivamente, mas também socialmente.

Os resultados obtidos por meio das intervenções, ratificam as impressões colhidas nas sessões de avaliação, quando verificou-se que Carlos era uma criança que – apesar de precisar – não tinha o devido acompanhamento familiar. Não tinha nenhum afazer doméstico sob sua responsabilidade, mesmo tendo treze anos, e não tinha o, adequado, acompanhamento de sua vida escolar.

Por conta desses e de outros fatos ele não se sentia membro importante daquela família evidenciando assim um quadro de baixa estima - não se reconhecendo como peça importante em sua família, na escola e, por conseguinte, no mundo.

O relato da professora – sobre a mudança de comportamento de Carlos durante as intervenções – ratifica a ideia, sugerida anteriormente, de que a participação familiar auxilia, sobremaneira, no desenvolvimento pleno do educando contribuindo para o alcance da autonomia e para a superação das possíveis dificuldades não somente escolares, mas também, de caráter social. “A convivência é um aprendizado que só se adquire dentro da família, que

são, como se costuma dizer, os pequenos balões de ensaio onde experimentamos a vida antes de cair na real” (Lopes, 2000, p. 98).

Se faz necessário salientar aqui que se a família não tivesse contribuído se fazendo presente na vida de Carlos e seguindo as sugestões propostas os resultados, provavelmente, seriam contrários aos alcançados. Tal postura por parte da família mostrou, mais uma vez, que o trabalho colaborativo entre família e escola resulta em estratégias facilitadoras da aprendizagem e formação social do educando.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (Parolim, 2003, p.99).

A mudança de comportamento por parte da família em relação a Carlos deixa evidente que a família presente na vida do educando faz com que esse evolua de maneira eficaz, adquirindo autonomia e desenvolvendo estratégias que o auxiliem a superar possíveis dificuldades.

Considerações finais

Muita coisa mudou desde o início da sociedade, com a família e a escola não é diferente. Hoje o modelo de família – idealizado e praticado anteriormente – já é quase extinto. Atualmente considera-se família um grupo de pessoas que moram em um mesmo espaço físico, em que há algum tipo de elo afetivo independentemente de laços sanguíneos.

A escola – que anteriormente era um espaço instrucional preocupado apenas com a educação escolar, hoje se vê diante da quebra de alguns pilares que a embasavam.

Assim, essa instituição encontra-se hoje em um momento de transição demandada pelo tipo de sociedade na qual se insere. Hoje a escola busca um modo plural para a construção do conhecimento, tentando aperfeiçoar o olhar, considerando o estudante como um ser complexo com diversas facetas a serem potencializadas.

A instituição escolar passa hoje por uma ruptura entre o antigo e o contemporâneo – precisando mudar para, assim, mostrar sua utilidade diante das demandas da sociedade moderna.

Mesmo diante de uma sociedade em constante mutação, o trabalho conjunto entre – aluno, família e escola é fundamental para o efetivo e eficaz desenvolvimento do educando.

Nesse cenário surge um ajudador com a função de viabilizar esse trabalho colaborativo com vistas a possibilitar o alcance do desenvolvimento pleno do estudante. Pode-se dizer que a ajuda psicopedagógica funciona como um “óculos” que ajuda a enxergar melhor as possíveis alternativas para a resolução dos problemas, entre estudante, família, escola e o fracasso escolar.

A intervenção relatada no presente trabalho teve o objetivo de propiciar ao estudante uma melhor performance em sua vida familiar e escolar. Para isso traçou-se estratégias que pudessem viabilizar a participação efetiva da família na vida escolar e social do estudante.

Estratégias essas que evidenciaram que a parceria família escola, e vice versa, é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança e, por consequência, para o alcance do sucesso – na aprendizagem, desempenho escolar e convivência social.

Tais estratégias podem, perfeitamente, ser aplicadas no âmbito escolar – com o auxílio de um psicopedagogo – que auxilie não somente as famílias, mas também viabilize aos profissionais da educação alternativas que maximizem as múltiplas formas de aprendizagem presentes em cada indivíduo, enfatizando assim, a importância do trabalho psicopedagógico nas escolas.

A partir dos resultados obtidos, inferiu-se que com a parceria entre escola e família poder-se-á alcançar uma educação plena com a construção consciente do conhecimento e, por consequência, o alcance de cidadãos ativos, críticos e reflexivos.

BIBLIOGRAFIA

ACKERMAN, N. W. (1986). *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas.

BOSSA, NADIA A. *A Psicopedagogia no Brasil – Contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 3ª edição. 2007 _____. *Fracasso escolar – um olhar psicopedagógico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002

CAETANO, LUCIANA MARIA. *Relação escola e família: uma proposta de parceria*. 2003. Disponível em:
<http://unopec.com.br/revistaintellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana/PDF. Acesso em 25 de jun. 2015

CALVINO, I. (1993). *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Cia. das Letras.

CORDIÉ, ANNY (1996). *Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FERNANDEZ, A. (1991). *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. 11 ed. Rio de Janeiro; Paz e terra, 1999.

KICARR, PATRIK. *Como ser pai para um filho portador de TDAH*. Disponível em:
<<http://www.hiperatividade.com.br/article.php?sid=38>>. Acesso em 08 de jul. 2015

KUPFER, MARIA CRISTINA. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 1989.

LOPEZ, JAUME SARRAMONA. *Educação na Família e na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.

OUTEIRAL, JOSÉ. CEREZER, CLEON. *Importância da Função Paterna no Desenvolvimento da Criança e do adolescente*. In: OUTEIRAL, José. CEREZER, Cleon. *O mal-estar na Escola*. Rio de Janeiro: Revinte, 2003.

PARO, VITOR HENRIQUE. *Qualidade do ensino: a participação dos pais*. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIM, ISABEL. *As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares*. Fortaleza, 2003.

PERRENOUD, PHILIPPE. *Dez novas competências para ensinar: convite à viagem*. Tradução de Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 2000. P 55-77.

PORTELA, FABIANI. *Família e Aprendizagem. Uma relação necessária*. Rio de Janeiro: Work, 2006.

SCOZ, BEATRIZ. *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. 6Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

WALLON, HENRI. *Coleção Grandes Educadores. Teorias de Wallon*. Rio de Janeiro: Edic, 1975.

WEISS, MARIA LUCIA L. *Psicopedagogia Clínica – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: 12ª edição, 2007

WINNICOTT, D. W. (1980). *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Belo Horizonte: Interlivros.